



DOI: 10.22476/revcted.v8.id627

ISSN: 2447-4223

PRODUÇÕES CIENTÍFICAS SOBRE A PREVENÇÃO DE VIOLÊNCIA DE GÊNERO PARA A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Daniela Mara Gouvêa Bellini¹

 <https://orcid.org/0000-0002-4780-7982>

UFSCar, NIASE, São Carlos, São Paulo, Brasil

Rafaela Maria Rodrigues²

 <https://orcid.org/0000-0001-8225-8045>

UFSCar, NIASE, São Carlos, São Paulo, Brasil

Denise Bachega³

 <http://orcid.org/0000-0001-5455-8470>

UFSCar, NIASE, São Carlos, São Paulo, Brasil

Milena de Bem Zavanella Freitas⁴

 <https://orcid.org/0000-0001-8999-6753>

UFSCar, NIASE, São Carlos, São Paulo, Brasil

Alexsandra de Freitas Silva⁵

 <http://orcid.org/0000-0000-0002-9868-0360>

UFSCar, NIASE, São Carlos, São Paulo, Brasil

Enayton Perassoli⁶

 <http://orcid.org/0000-0003-4554-4004>

UFSCar, NIASE, São Carlos, São Paulo, Brasil

¹Doutora em Educação pela UFSCar.. Professora de Educação infantil no município de São Carlos/SP. Pesquisadora do Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa (NIASE/UFSCar). E-mail: danni.gouvea83@gmail.com

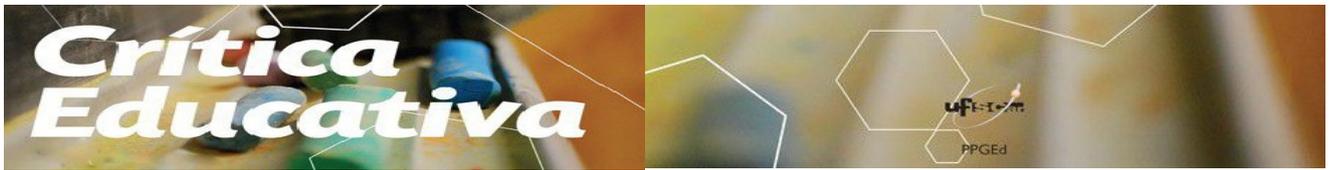
² Mestranda em Educação pela UFSCar. Pesquisadora do Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa (NIASE/UFSCar). E-mail: rafaelamrodz@gmail.com

³Doutora em Educação pela UFSCar. Pesquisadora do Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa (NIASE/UFSCar). E-mail: denise.bachega@gmail.com

⁴ Doutoranda em Educação pela UFSCar. Professora Pesquisadora do Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa (NIASE/UFSCar). E-mail: debem.milena@gmail.com

⁵ Doutoranda em Educação pela UFSCar. Professora de Educação infantil no município de São Carlos/SP. Pesquisadora do Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa (NIASE/UFSCar). E-mail: alexsandrafreitas26@gmail.com

⁶ Licenciando em Pedagogia pela UFSCar. Pesquisador do Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa (NIASE/UFSCar). E-mail: enayton@ufscar.br



Submetido em: 15/11/2022

Aceito em: 15/12/2022

Publicado em: 31/12/2022

Resumo

A presente pesquisa bibliográfica buscou investigar artigos em periódicos, com recorte temporal de 2018 até 2022, com base nas produções mais citadas sobre violência de gênero, na intenção de estabelecer uma comparação entre o que está sendo produzido mundialmente com as pesquisas realizadas pelo Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa (NIASE) no Brasil. Para isto, utilizamos a base *Web Of Science* e obtivemos ao todo 13 artigos nacionais e internacionais na área da saúde e psicologia. Os resultados contam com a descrição de cada material analisado, relacionando-os com as bases teóricas e produções científicas do NIASE. Concluimos que o fenômeno da violência de gênero que acomete milhões de mulheres cisgênero e transgênero, crianças e meninas, tem sido investigado, em sua maioria, em uma perspectiva paliativa da violência, sem demonstrações de ações efetivas na prevenção da violência de gênero. Em vista disso, o NIASE traz algumas alternativas de atuações preventivas para superar a violência de gênero desde a infância.

Palavras-chave: Prevenção; violência de gênero; Aprendizagem Dialógica.

SCIENTIFIC PRODUCTIONS ON GENDER VIOLENCE PREVENTION FOR SOCIAL TRANSFORMATION

Abstract

This bibliographic research sought to investigate articles in journals, with a time frame of 2018 to 2022, based on the most cited productions on gender violence, with the intention of establishing a comparison between what is being produced worldwide with the research conducted by the Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa (NIASE) in Brazil. For this, we used the Web Of Science database and obtained a total of 13 national and international articles in the area of health and psychology. The results count with the description of each analyzed material, relating them to the theoretical bases and scientific productions of NIASE. We conclude that the phenomenon of gender violence that affects millions of cisgender and transgender women, children and girls, has been investigated mostly in a palliative perspective of violence, without demonstrations of effective actions in the prevention of gender violence. In view of this, NIASE brings some alternatives of preventive actions to overcome gender violence since childhood.

Keywords: Prevention; gender violence; Dialogical Learning.

PRODUCCIONES CIENTÍFICAS SOBRE PREVENCIÓN DE LA VIOLENCIA DE GÉNERO PARA LA TRANSFORMACIÓN SOCIAL



Resumen

La presente investigación bibliográfica buscó investigar artículos en publicaciones periódicas, con un marco temporal de 2018 a 2022, a partir de las producciones más citadas sobre violencia de género, con la intención de establecer una comparación entre lo que se está produciendo a nivel mundial y la investigación realizada por el Centro de Investigación y Acción Social y Educativa (NIASE) de Brasil. Para ello, utilizamos la base de datos *Web Of Science* y obtuvimos un total de 13 artículos nacionales e internacionales en el área de la salud y la psicología. Los resultados incluyen una descripción de cada material analizado, relacionándolos con las bases teóricas y las producciones científicas del NIASE. Concluimos que el fenómeno de la violencia de género que afecta a millones de mujeres cisgénero y transgénero, niños y niñas, ha sido mayoritariamente investigado desde una perspectiva paliativa de la violencia, sin demostraciones de acciones efectivas en la prevención de la violencia de género. Ante esto, NIASE trae algunas alternativas de acciones preventivas para superar la violencia de género desde la infancia.

Palabras clave: Prevención; Violencia de género; Aprendizaje dialógico.

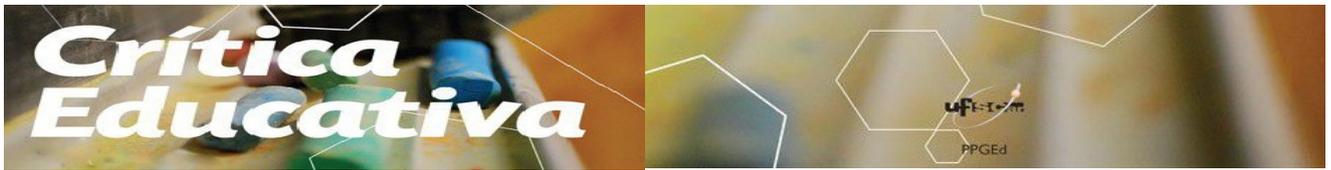
1. Introdução

Sempre ouvimos a pergunta: a violência é natural do ser humano? A resposta que podemos dar baseada nas pesquisas e evidências científicas é: da mesma forma que identificamos atos violentos durante a história, também identificamos pessoas, comunidades e ações de combate aos vários tipos de violência.

A violência, tema de diversas resoluções das Nações Unidas (ONU) desde 1986, para além de implicações para a área da justiça e criminalidade, é considerada um problema social e de saúde pública em todo o mundo. Devido a seu caráter dinâmico, pode ocorrer de diversas formas a depender do espaço e tempo em que ocorre e transforma-se de acordo com grupos, gênero, contexto social e econômico, faixa etária, localidade e cultura.

Quando se trata de violência e sua prevenção, é necessário expor seu significado amplamente consensuado no mundo, a fim de evitar banalizações e injustiças sociais. Neste sentido, a violência é compreendida por nós como o uso intencional da força física ou do poder, contra si próprio, contra outra pessoa, grupo ou comunidade, que possa resultar em danos psicológicos, lesão, morte, deficiência de desenvolvimento ou ainda, privação (DAHLBERG e KRUG, 2002).

A natureza dos atos violentos pode ser (a) física: ação de um indivíduo ou grupo contra outros ou contra si mesmo; (b) sexual: abarca o assédio sexual, atentado violento ao pudor, imagens



de exploração sexual, voyeurismo e ainda o estupro; (c) psicológica: subjaz a toda e qualquer forma de abuso ou violência, podendo ocorrer de diversas formas como privação, intimidação, chantagem, uso de poder, degradar ou controlar ações, comportamentos, crenças e decisões, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição insistente, insulto, dentre outras ações que afetam a saúde psicológica da vítima; (d) verbal: ocorre por meio de insultos verbais a outro indivíduo, com humilhações, palavras grosseiras, intimidações e também privações; (e) simbólica: por vezes é mascarada socialmente e tem como base o abuso do poder e autoritarismo (DAHLBERG e KRUG, 2002).

A violência de gênero e a violência doméstica são tipos de violência, física, psicológica ou sexual, realizadas contra qualquer pessoa ou grupo de pessoas com base em seu sexo ou gênero, impactando de maneira negativa seu bem-estar social, físico, psicológico e sua identidade. Essa violência acomete mulheres independentemente de seu grau de escolarização, classe social ou econômica, localidade, etnia, cultura, idade, orientação sexual ou religião. Todavia, a violência não atinge todas as mulheres da mesma maneira. As taxas de homicídio demonstram, segundo raça/cor, que as mulheres negras são as maiores vítimas, enquanto mulheres lésbicas e bissexuais sofrem diversos tipos de violência ligados a sua orientação sexual e mulheres transexuais também são alvo constante de agressões múltiplas e diversas formas de preconceitos e discriminação (FBSP, 2021)

O fenômeno da violência de gênero ocorre por meio das violências citadas anteriormente, física, psicológica, verbal, sexual e simbólica, bem como por meio da violência patrimonial, que corresponde a qualquer atitude que caracterize destruição parcial ou total de objetos, documentos pessoais, bens e direitos ou recursos econômicos. Ademais, ocorre também por meio da violência moral, que significa qualquer atuação que configure calúnia, difamação ou injúria, como explicitado na lei Maria da Penha (11.340/2006).

O termo feminicídio foi incorporado ao Código Penal como qualificador do crime de homicídio em 2015 e trata da descrição de um homicídio praticado contra a mulher, dividindo-se em dois tipos: devido a discriminação da condição de ser mulher e, quando a violência é perpetrada por um familiar, caracteriza-se por violência doméstica. Entretanto, essa categoria não consta nos atestados de óbito produzidos pelo SUS, pois a tipificação legal é responsabilidade das instituições



do sistema de justiça criminal, sendo assim, o número de feminicídios pode ser mais alto do que relatam os dados atuais (IPEA, 2021).

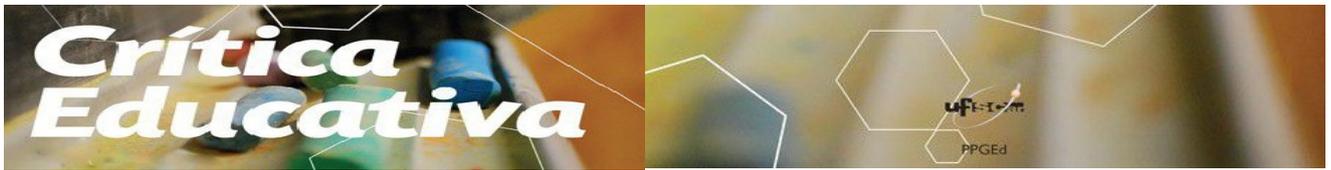
No Brasil, de acordo com registros de crimes contra meninas e mulheres, entre março de 2020, período de início da pandemia de covid-19 no país, a dezembro de 2021, foram 2.451 feminicídios e 100.398 casos de estupro e estupro de vulnerável de vítimas do gênero feminino. Em 2021, ocorreram um total de 1.319 feminicídios no país, apresentando uma redução de 2,4% no número de vítimas registradas em relação ao ano anterior. No total, foram apenas 32 vítimas de feminicídio a menos do que em 2020, quando 1.351 mulheres foram mortas (FBSP, 2021).

Evidências científicas alertam que a violência faz com suas vítimas tenham condições precárias de saúde ao longo da vida, desenvolvendo problemas de interação social e comportamental, doenças crônicas e cognitivas (OMS, 2014). As consequências das violências podem perdurar a vida toda. Além de ocasionar óbito, os danos da violência podem causar mau desenvolvimento do cérebro e do sistema nervoso, comportamentos de risco para si mesmo e para a sociedade, maior propensão ao consumo de drogas e comportamentos sexuais de risco, altas taxas de ansiedade, depressão e suicídio, dificuldade de inserção no sistema escolar e no mercado de trabalho, afetando assim, as próximas gerações (WHO, 2019).

No Brasil, existem algumas legislações de proteção à mulher que são fruto de incansáveis lutas contra o machismo, feminicídio e violência contra mulher de forma geral, são elas: Lei Maria da Penha (11.340/2006); Lei Carolina Dieckmann (12.737/2012); Lei do Minuto Seguinte (12.845/2013); Lei Joanna Maranhão (12.650/2015); e Lei do Feminicídio (13.104/2015) (SESC, 2021).

Além do exposto, as evidências científicas e debates legislativos em diversos países indicam a Violência de Gênero Isoladora (VGI) como o comportamento do agressor em isolar as vítimas e impedi-las de buscar suporte e romper com o ciclo de violência, sendo direcionada também às pessoas que podem ajudá-las, garantindo assim a impunidade de quem pratica o ato de violência (AUBERT; FLECHA, 2021).

O NIASE trabalha na perspectiva dos estudos nacionais e internacionais, baseados em evidências científicas, que indicam que as medidas para avançar na superação de violência de gênero necessitam ser preventivas (para que não ocorra a violência) e paliativas (os cuidados que



devem ser realizados caso a violência ocorra). Desta maneira, no tripé pesquisa, ensino e extensão que buscamos um mundo mais justo e igualitário para todas as pessoas.

A partir da perspectiva de que os seres humanos são agentes de transformação social que buscamos neste texto apresentar como no Núcleo de Investigação e Ação Social e Educativa (NIASE/UFSCar) trabalhamos, tecendo os demais conhecimentos com a nossa base teórica para a prevenção e superação de violência de gênero no âmbito educativo. Para isso, realizamos uma pesquisa bibliográfica das produções de artigos científicos nos últimos cinco anos na base *Web of Science* sobre prevenção de violência, a fim de promover um debate entre as produções encontradas e a base teórica de trabalho do NIASE e, por fim, apresentar que é possível um mundo sem violência de gênero.

2. Metodologia

O presente artigo teve como objetivo apresentar um levantamento bibliográfico na base *Web of Science* sobre as produções científicas a respeito da prevenção de violência de gênero. Para isso, utilizamos os descritores em inglês “*prevention*” e “*gender violence*”; aplicamos os seguintes filtros de busca: artigos, país Brasil, ano de publicação de 2018 a 2022. Foram encontrados 48 artigos na primeira busca e optamos por analisar os 20 artigos mais citados, porém após os critérios de inclusão e exclusão, selecionamos 13 artigos para análise. Foram realizadas as leituras dos títulos, resumos e textos na íntegra para a identificação da temática e a análise de dados para este trabalho.

Como critério de seleção do material consideramos: (a) estar incluído na categoria artigo e artigos de revisão; (b) ter o título relacionado com a temática da pesquisa e, sendo assim, constar no título pelo menos um dos descritores: violência de gênero e prevenção; (c) em ordem de mais citados (relevância), selecionar os primeiros artigos na base; (d) selecionar artigos que falam diretamente da violência de gênero, publicados entre os anos de 2018 e 2022; e (e) selecionar, no máximo, 20 artigos.

Na compilação dos dados selecionados apresentamos a visualização geral dos resultados e quantos artigos foram selecionados. A seguir, encontram-se tais informações: código do artigo, sendo “AI” referentes aos artigos internacionais e “AN” referente aos artigos nacionais; revista ou periódico onde o artigo foi publicado; área do conhecimento do artigo; ano em que o artigo foi

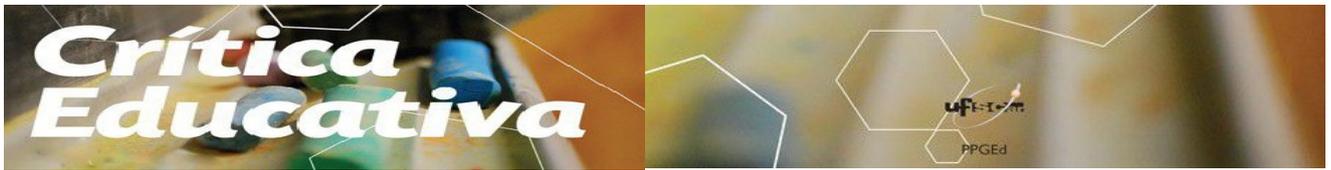
publicado; indicação do artigo ser “prev.”, ou seja, preventivo ou “pal.”, que é uma ação paliativa; e por fim, referência do artigo.

Quadro 2: Lista de artigos selecionados para revisão

Código	Revista/ Periódico	Área	Ano	Prev./ Pal.	Referência
AI_1	International Journal of Environmental Research and Public Health.	Saúde	2020	Prev.	DOSIL, M; JAUREGUIZAR, J; BERNARAS, E; SBICIGO, J.B. Teen Dating Violence, Sexism, and Resilience: A Multivariate Analysis. International Journal of Environmental Research and Public Health . 2020; 17(8):2652. Disponível em: https://doi.org/10.3390/ijerph17082652
AI_2	Transgender Health	Saúde	2019	Prev. e pal.	FERREIRA, A. C. G. F. <i>et al.</i> . Transcendendo: A Cohort Study of HIV-Infected and Uninfected Transgender Women in Rio de Janeiro, Brazil. Transgender Health . 2019.107-117. Disponível em: http://doi-org.ez31.periodicos.capes.gov.br/10.1089/trgh.2018.0063
AI_3	Journal of Adolescence	Psicologia	2018	Prev.	GUSMÕES, J. D. S. P. <i>et al.</i> Violence in Brazilian schools: Analysis of the effect of the #Tamojunto prevention program for bullying and physical violence. Journal of Adolescence , 63: 107-117. 2018. Disponível em: https://doi-org.ez31.periodicos.capes.gov.br/10.1016/j.adolescence.2017.12.003
AN_4	Cadernos de Saúde Pública	Saúde	2019	Pal.	MONTEIRO, S; BRIGEIRO, M. Experiências de acesso de mulheres trans/travestis aos serviços de saúde: avanços, limites e tensões. Cadernos de Saúde Pública [online]. 2019, v. 35, n. 4. Disponível em: https://doi.org/10.1590/0102-311X00111318
AI_5	Frontiers in Psychology.	Psicologia	2018	Não atende	HOCHDORN, A. <i>et al.</i> Narratives of Transgender People Detained in Prison: The

				ao prev. e ao pal.	Role Played by the Utterances “Not” (as a Feeling of Hetero- and Auto-rejection) and “Exist” (as a Feeling of Hetero- and Auto-acceptance) for the Construction of a Discursive Self. A Suggestion of Goals and Strategies for Psychological Counseling. Frontiers in Psychology . V. 8, 2018. Disponível em: https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2017.02367
AI_6	J Prim Prev.	Saúde	2021	Pal.	SOMMER, M. <i>et al.</i> Participatory Methodologies With Adolescents: A Research Approach Used to Explore Structural Factors Affecting Alcohol Use and Related Unsafe Sex in Tanzania. J Prim Prev . 2021 Aug;42(4):363-384. Disponível em: Participatory methodologies with adolescents: A research approach used to explore structural factors affecting alcohol use and related unsafe sex in Tanzania - PMC (nih.gov)
AI_7	Psychiatry Research	Psicologia	2018	Prev.	COÊLHO, B. M. <i>et al.</i> The role of gender in the structure of networks of childhood adversity, Psychiatry Research , V. 270, 2018, Pages 348-356, ISSN 0165-1781, Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.psychres.2018.09.059 .
AN_8	Rev. Bras. Enferm	Saúde	2018	Não atende ao prev. e ao pal.	PAIXÃO, G. P. N. <i>et al.</i> Naturalization, reciprocity and marks of marital violence: male defendants' perceptions. RESEARCH - Rev. Bras. Enferm. 71 (1). 2018. Disponível em: https://doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0475
AI_9	Frontiers in Psychology	Psicologia	2021	Prev.	MELLO, R. R. <i>et al.</i> Dialogic Feminist Gathering and the Prevention of Gender Violence in Girls With Intellectual Disabilities. Frontiers in Psychology . 2021. 12:662241. Disponível em: doi:

					10.3389/fpsyg.2021.662241
AN_10	Saúde e Sociedade	Saúde	2019	Pal.	BEIRAS, A. NASCIMENTO, M.; INCROCCI, C.. Programas de atenção a homens autores de violência contra as mulheres: um panorama das intervenções no Brasil. Saúde e Sociedade [online]. 2019, v. 28, n. 1, pp. 262-274. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0104-12902019170995 .
AI_11	Universitas Psychologica	Psicologia	2018	Prev. e pal.	HABIGZANG, L. F.; SCHNEIDER, J. A.; FRIZZO, R. P.; FREITAS, C. P. P. de. Evaluación del impacto de una intervención cognitivo-conductual para mujeres en situación de violencia doméstica en Brasil. Universitas Psychologica , [S. l.], v. 17, n. 3, p. 1–11, 2018. DOI: 10.11144/Javeriana.upsy17-3.eicb. Disponível em: https://revistas.javeriana.edu.co/index.php/revPsycho/article/view/15242
AI_12	Clinical Medicine	Saúde	2021	Pal.	COLL, C. V. N. <i>et al.</i> Identifying the women most vulnerable to intimate partner violence: A decision tree analysis from 48 low and middle-income countries, Clinical Medicine , V.42, 2021, 101214, ISSN 2589-5370. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.eclinm.2021.101214 .
AI_13	Journal of Interpersonal Violence	Saúde	2021	Pal.	PEIXOTO, E. M. <i>et al.</i> Interpersonal Violence and Passing: Results from a Brazilian Trans-specific Cross-sectional Study. Journal of Interpersonal Violence , 37(15–16), 2021. NP14397–NP14410. Disponível em: https://doi-org.ez31.periodicos.capes.gov.br/10.1177/08862605211005152



A fase de análise será dividida em crítica externa e crítica interna. A primeira refere-se à significância do documento, considerando a função do trabalho em que está sendo elaborado, e a segunda é, resumidamente, a parte de apreciação do sentido e valor do conteúdo (LAKATOS e MARCONI, 2003). A seguir, os resultados encontrados nos artigos selecionados.

3. Resultados

Os 20 artigos mais citados na base *Web of Science*, com os descritores “*prevention*” e “*gender violence*”, pertencem à duas grandes áreas do conhecimento, sendo 8 da área da saúde e 6 da área da psicologia, o que indica a importância de trabalhar a temática de forma multidisciplinar. Dentre estes 20 artigos apenas 13 tratavam diretamente da temática prevenção de violência de gênero, enquanto os outros 07 artigos exploravam outros assuntos que não cabiam na análise de acordo com os critérios de exclusão. Neste sentido, foram selecionados 10 artigos internacionais e 3 artigos nacionais. Dos artigos selecionados, em relação a violência de gênero, 4 buscam medidas preventivas, 5 tratam de medidas paliativas, 2 abordam medidas preventivas e paliativas e 2 não dissertam sobre medidas preventivas e nem paliativas.

Os artigos que abordavam de outros assuntos são: doenças e lesões não transmissíveis (ABBAFATI *et al.*, 2020); objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) relacionados à saúde (Lozano *et al.*, 2018); saúde neonatal e infantil (PAULSON *et al.*, 2021); associações entre um grande conjunto de fatores ocupacionais e transtorno depressivo maior (TDM) na população trabalhadora brasileira (OENNING *et al.*, 2018); tratamento por uso de cocaína (MIGUEL *et al.*, 2019); consumo de álcool entre adolescentes e jovens (CONEGUNDES *et al.*, 2020); projeto de intervenção preventiva pela crise da COVID-19 (PAIVA *et al.*, 2021).

Quando se trata de prevenção de violência de gênero, sendo paliativos e preventivos, encontramos treze artigos. O primeiro artigo AI_1 utilizou os modelos logísticos multinomiais buscando conhecer os fatores associados à violência no namoro adolescente e à vitimização, pois a violência nas relações entre adolescentes vem aumentando nos últimos anos, tornando-se um grave problema social. Os resultados indicaram que sexo, idade, sexismo e autoestima predisseram a violência no namoro adolescente e que os problemas sexuais e sociais previram a vitimização. As



autoras indicam que esses resultados podem ser levados em consideração para futuros programas de prevenção.

Ao analisar o artigo AI_2, identificamos um levantamento sobre dados sociodemográficos, comportamentais, transição de gênero, procedimentos de afirmação, uso de hormônios, discriminação, violência, saúde clínica e mental, prevenção do HIV e cuidados para infectados pelo HIV. Os resultados apontam um contexto de exclusão das mulheres trans no Brasil e indicam que é necessário desenvolver estratégias para diminuir o estigma, melhorar o ambiente de cuidados de saúde, orientar pesquisas futuras sobre morbidades trans, uso de substâncias e intervenções específicas para apoiar recomendações relacionadas à saúde.

O artigo AI_3 tratou de um ensaio clínico randomizado e controlado com 6.637 estudantes da 7ª e 8ª séries de 72 escolas públicas de seis cidades brasileiras para avaliar os efeitos do programa europeu de prevenção denominado #Tamojunto no Brasil na prevenção do bullying e da violência física. O resultado indica que o programa funcionou por nove meses, mas não foi sustentado até os 21 meses de aplicação, não havendo efeito significativo para a diminuição da prática do bullying e para o recebimento ou exercício da violência física.

A pesquisa AN_4 analisou as experiências de mulheres/travestis transgênero com acesso aos serviços de saúde e discutiu a discriminação sexual/de gênero, assim como as demandas por serviços de transição de gênero e prevenção da AIDS. O estudo realizou entrevistas com mulheres/travestis transexuais de 23 a 45 anos de idade, de baixa renda, em 2016, e observação de contextos de prostituição e sociabilidade. O resultado indica que existem barreiras subjetivas para o acesso aos serviços, decorrentes do estigma internalizado e da associação da infecção pelo HIV com suas condições de vida. Também reforçam que a melhoria da atenção à saúde da população trans/travesti requer um debate sobre os problemas estruturais do SUS, a defesa de sua visão ampliada de cuidado e investimentos na formação profissional.

O artigo AI_5 buscou compreender como as pessoas transgênero, que cometeram delitos criminais e estão detidas na prisão, produzem uma representação narrativa de si mesmas em diferentes contextos prisionais. Foram realizadas 23 entrevistas em profundidade com mulheres transexuais detidas em contextos prisionais femininos ou masculinos na Itália e no Brasil. Os resultados indicaram que as pessoas transgênero representam um desafio para a administração



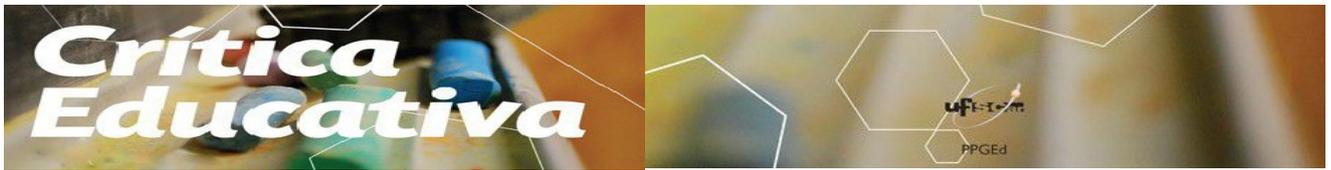
prisonal porque não está claro em que contexto penitenciário elas devem ser detidas. Concluiu-se que elas devem receber atenções especiais para enfrentar suas necessidades, que são radicalmente diferentes quando comparadas a outras tipologias de presos.

Na sequência, o AI_6 utilizou a metodologia qualitativa, por meio de entrevistas em profundidade e grupos focais, para ampliar o conhecimento sobre a iniciação e o uso de álcool entre jovens (de 15 a 19 anos) na Tanzânia urbana e sua relação com o comportamento sexual de risco. O estudo também teve como objetivo ampliar o conhecimento sobre o papel da acessibilidade, disponibilidade e aceitabilidade do álcool na formação de jovens na Tanzânia urbana e sobre possíveis intervenções estruturais para prevenir e reduzir o uso de álcool juvenil e o comportamento sexual de risco.

Sobre crianças e adolescentes, o AI_7 realizou uma entrevista totalmente estruturada para investigar a relação entre diferentes adversidades infantis. Mais da metade das pessoas entrevistadas foi exposta a pelo menos uma adversidade durante seu estágio inicial de desenvolvimento, por exemplo: maus tratos, negligência, morte parental e transtornos mentais parentais. Sendo assim, os autores indicam que existe a necessidade de programas preventivos e de intervenção diferenciais que levem em conta os padrões de exposição relacionados ao gênero e os padrões de notificação de adversidade precoce.

Por conseguinte, o AN_8 buscou analisar a percepção de homens em processo criminal sobre a violência conjugal. Foi realizado um estudo qualitativo exploratório-descritivo, com 23 homens acionados criminalmente por violência conjugal. Os dados foram coletados por multimétodos, tendo como técnicas de coleta a entrevista individual e o grupo focal. Os resultados indicam que na percepção masculina, a violência conjugal é natural na relação conjugal; um problema do âmbito privado; recíproco; e deixa marcas corporais. Por fim, indicam que é necessário a criação de espaços de reflexão e ressignificação de homens e mulheres, na perspectiva de gênero.

O artigo AI_9 teve como objetivo analisar o impacto da transferência das Tertúlias Feministas Dialógicas (TFD) junto a meninas e adolescentes com deficiência intelectual. A pesquisa é um estudo de caso com abordagem comunicativa realizada em uma escola de educação especial em Valencia, na Espanha. Os resultados indicaram que as TFD são transferíveis ao contexto aplicado e demonstraram como podem ser gerados contextos de segurança, solidariedade e



a construção de amizades que protegem as adolescentes com deficiência das relações afetadas pela violência de gênero.

A pesquisa realizada pelo AN_10 apresenta um mapeamento de programas para homens perpetradores de violência no Brasil, realizado entre 2015 e 2016. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva. Os resultados indicaram que estes programas devem ter diretrizes mínimas para a realização de grupos reflexivos, como o vínculo das iniciativas com instâncias governamentais, fundamentação nas teorias de gênero e modalidade de intervenções em grupo.

Subsequente, o AI_11 buscou desenvolver e avaliar um protocolo de intervenção, baseado na terapia cognitivo-comportamental, para mulheres em situação de violência doméstica. O protocolo de intervenção consistiu em técnicas de psicoeducação, reestruturação cognitiva, exposição gradual a memórias traumáticas, resolução de problemas e prevenção de recorrência. Os resultados mostraram uma redução significativa nos sintomas de depressão, ansiedade e estresse, além de constituir evidência inicial para a efetividade da intervenção, já que no Brasil existe uma carência de intervenções baseadas em evidências que possam ser utilizadas para qualificar as ações dos serviços públicos de saúde mental.

O seguinte artigo, AI_12, aplicou uma abordagem de árvore de decisão para identificar subgrupos de mulheres com maior risco de sofrer violência por parceiros íntimos em países de baixa renda. Segundo os autores, essas informações podem ajudar a projetar intervenções direcionadas, como o fortalecimento de leis e políticas de apoio à igualdade de gênero e aos direitos das mulheres, bem como a garantia do acesso das mulheres aos sistemas de justiça e serviços de saúde abrangentes.

Por fim, o AI_13 realizou um estudo transversal com 121 mulheres trans, em sua maioria negras, apontando que ao se identificarem em contextos que vivem podem influenciar no índice de violência sofrido. Por exemplo, as participantes que relataram alta aprovação apresentaram maior prevalência de violência familiar e menor prevalência de violência policial observada, violência em espaços públicos abertos e fechados. A passagem - como são vistas diante da sociedade - parece proteger da violência nos espaços públicos, ao mesmo tempo em que aumenta a violência familiar.



Há uma necessidade urgente de compreender melhor as complexas relações em torno da violência voltada à população trans e promover a sua prevenção.

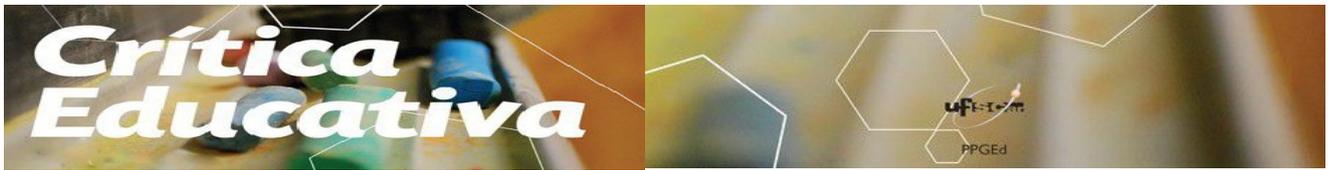
Apresentados os artigos e seus conteúdos, abaixo vamos debater as produções com as bases teóricas do NIASE.

3.1. Tecendo e dialogando com os conhecimentos científicos

Ao encontrar as consequências da exposição de crianças às diversas violências, como indica o artigo AI_7, reforçamos que é crescente a quantidade de estudos e pesquisas científicas que mostram que a violência pode ser evitada com a prevenção e ter seu impacto reduzido. Afirma-se que a violência contra crianças pode ser evitada por meio da implementação de medidas como: criar ambientes seguros e acolhedores; dar apoio especializado para famílias em situação de violência; abordar a desigualdade de gênero; transformar as atitudes e práticas culturais que naturalizam a violência; garantir leis que proíbam o acesso de jovens e crianças a produtos nocivos como drogas, álcool e armas de fogo; fornecer serviços especializados para crianças afetadas pela violência; e eliminar desigualdades culturais, sociais e econômicas que contribuem com os fatores de risco para violência (WHO, 2014).

Além disso, destaca-se a escola como instituição importante na intervenção e prevenção da violência contra crianças e adolescentes tanto por ser um ambiente social e comunitário no qual emergem também demandas da sociedade externa, como por promover conhecimento e reflexões críticas capazes de transformar a realidade. Roca e colaboradores (2020) ressalta evidências de programas eficazes de prevenção de violência infantil nas escolas. Tais programas buscam ensinar crianças, docentes e familiares sobre conceitos, identificação, encaminhamento, consequências, autoproteção e prevenção de violências contra crianças, assim como promover a socialização preventiva da violência, relacionamentos saudáveis e amizades que são protetivas.

Alinhados a uma perspectiva preventiva da violência contra crianças e adolescentes, o NIASE busca realizar a prevenção da violência desde os zero anos de idade, por meio de uma socialização preventiva das violências. Neste sentido, destaca-se o Clube de Valentes, que promove a atitude de se ter ações valentes ao se posicionar contra a violência, denunciar e valorizar a verdadeira amizade (LONGAS; RODRÍGUES, 2016). Com base na evidência de que a relação



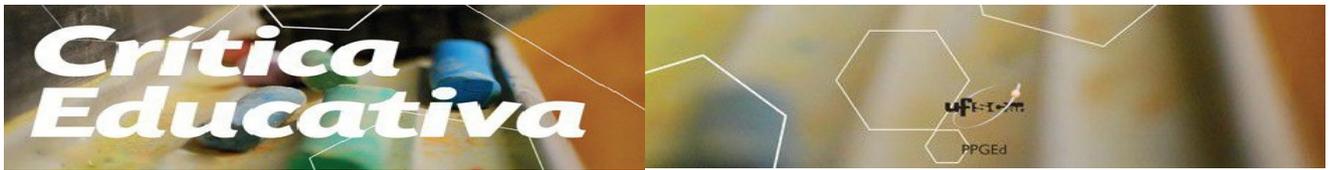
entre pares é eficaz para prevenir e resolver conflitos e violências, estudos recentes mostram que o Clube de Valentes promove relações igualitárias e muda com rapidez a dinâmica de uma turma de crianças que anteriormente mantinha interações violentas.

Dito isto, é possível evitar os impactos da violência trazidos pela pesquisa AI_7 por meio da prevenção com base em evidências científicas, prezando por uma socialização preventiva das crianças e promovendo programas que envolvam toda a comunidade.

O modo como a perspectiva masculina na violência de gênero, abordada nos artigos AN_8 e AN_10, reforçam o que as pesquisas realizadas pelo NIASE afirmam de forma contundente:, temos uma urgência em trabalhar a socialização preventiva para educarmos nossos desejos e sentimentos para relações saudáveis, igualitárias e livres de violência promovendo uma masculinidade mais igualitária. Estes homens agressores pertencem a um modelo de masculinidade que está ligado diretamente à produção e manutenção da violência, trata-se de um perfil agressivo, autoconfiante e dominador, no qual é denominado Masculinidade Tradicional Dominante (FLECHA *et al*, 2013).

Os meninos precisam ser socializados para não aceitarem e nem praticarem nenhum tipo de violência e também para promover relações igualitárias de amor e amizade. Conseqüentemente, necessitamos socializar e ensinar as meninas e os meninos a se atraírem pelos modelos igualitários, independentemente da orientação sexual. Para Flecha *et al*. (2013), este modelo de masculinidade já existe e é conhecido como Novas Masculinidades Alternativas. Os homens deste modelo utilizam a coragem, força e autoconfiança para enfrentar qualquer tipo de violência, é a junção de atração e igualdade e permeados pela linguagem do desejo e da ética. Eles lutam contra a violência de gênero, não cometem violência e não aceitam serem maltratados, e por fim promovem relações igualitárias baseadas no amor e no desejo.

Os artigos AI_2, AN_4, AI_5 e AI_13 destacaram a exclusão além das diversas violências sofridas por mulheres trans, indicando a necessidade de se trabalhar por meio da prevenção para que as pessoas trans tenham seus direitos garantidos. Em um de seus levantamentos mais recentes, o periódico El País (ALFAGEME, 2019) apontou que as escolas e as universidades ocupam o quinto lugar onde a população LGBTQIAPN+ está mais sujeita a sofrer alguma forma de violência, superando os espaços religiosos e ficando pouco abaixo do mercado de trabalho. Em estudos como o de García Villanueva e Luján Ponce (2018), e de Gallardo-Nieto *et al*. (2021), nota-se que a

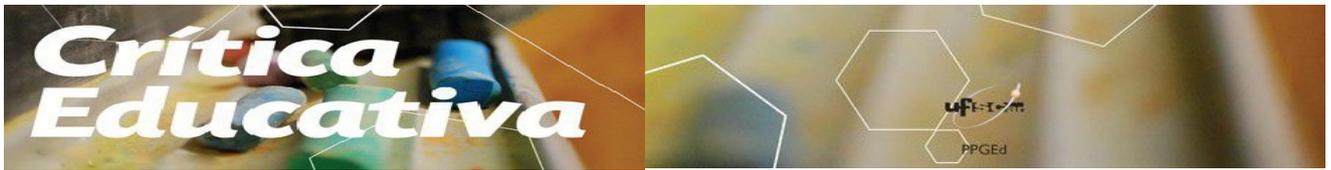


perpetuação da violência contra pessoas LGBTQIAPN+ nos contextos educativos se dá em razão da internalização e da naturalização de ataques violentos mascarados por “comentários e piadas de colegas”.

Segundo Perassoli e Silva (2022), os espaços educativos promovem a violência com base na orientação sexual e na identidade de gênero uma vez: que não há instrumentalização e formação necessária para que tanto a população LGBTQIAPN+, quanto pessoas cisheterossexuais, possam compreender de modo aprofundado as dimensões que envolvem e atravessam a sexualidade; quando não se discute temas como as lutas e a história do movimento LGBTQIAPN+ na conquista de seus direitos nos espaços educativos; quando não há a criação de grupos de acolhimento e de apoio a esta população, em específico, deixando de incentivar redes de apoio, sobretudo às vítimas de agressões; e quando não se promove formações sobre a temática de orientação sexual e identidade de gênero para discentes, docentes e demais profissionais, sobretudo em relação ao tratamento e acolhimento de pessoas transgênero, transexuais e travestis. Nesse sentido, a realização de tais ações nas escolas e nas universidades, garantiriam a equidade e a igualdade de diferenças, princípio integrante da aprendizagem dialógica (MELLO; BRAGA; GABASSA, 2020).

Os artigos AI_11 e AI_12 tratam da temática violência contra as mulheres e buscam programas de intervenção e prevenção para superar esta problemática. A produção científica a respeito da prevenção da violência contra as mulheres abrange uma série de conhecimentos e intervenções que buscam a superação deste grande problema de desigualdade social. Tendo como base os princípios da aprendizagem dialógica (AUBERT *et al.*, 2016), do feminismo dialógico (PUIGVERT; MUÑOZ, 2012) e da socialização preventiva (FLECHA, 2012) o NIASE promove ações em ensino, pesquisa e extensão a fim de prevenir e superar a violência contra as meninas e mulheres nas escolas, universidades e demais contextos sociais. Corroborando com uma abordagem interdisciplinar defendida pela OMS, na qual a educação desempenha um papel significativo diante do que tem sido feito para libertar as meninas e mulheres dos sofrimentos decorrentes da violência (DAHLBERG; KRUG, 2007).

O cerne do trabalho preventivo feito pelo NIASE reside na transformação das relações sociais. O artigo AI_9 apresentou as Tertúlias Feministas Dialógicas como forma de prevenção ao abuso e violência de gênero com meninas e mulheres com deficiência mental. Neste sentido, alinha-



se diretamente ao feminismo dialógico, que contém em si o conceito e os princípios da Aprendizagem Dialógica, base fundamental para superar as barreiras sobrepostas às mulheres diante do acesso aos direitos humanos, assim como aos bens e recursos econômicos e sociais. O feminismo dialógico, ou feminismo da igualdade das diferenças, vislumbra uma ética universal de superação das desigualdades sociais em um mundo onde todas as mulheres devem ter o mesmo direito de viver suas diferenças e suas vidas livres de violência (PUIGVERT; RUIZ, 2003).

Os artigos AI_1 e AI_6 abordaram respectivamente sobre violência no namoro de adolescentes e comportamento sexual de risco envolvendo uso do álcool. A violência contra as meninas e mulheres cometida pelos familiares e parceiros íntimos é resultado da combinação de fatores estruturais e relacionais identificáveis nos âmbitos individual, relacional, comunitário e societal (WHO, 2022). A socialização preventiva busca transformar as interações sociais ao esvaziar de interesse o formato tradicional de relacionamentos que naturalizam a violência, bem como o comportamentos de risco, e geram impunidade aos agressores (PUIGVERT *et al.*, 2019; AUBERT; FLECHA, 2021).

O artigo AI_3 fala sobre um programa de prevenção ao bullying que não obteve sucesso. Considerando que a violência de gênero ocorre frequentemente com a presença de testemunhas, o *bystander intervention* ou intervenção do espectador, tem sido evidenciada como uma das formas mais eficientes de socialização preventiva para a superação de diversas formas de violência, inclusive o bullying. Trata-se de um processo educativo cujo fundamento reside no impacto da ação que todas as pessoas podem assumir a favor da prevenção. Assim, a intervenção do espectador promove a corresponsabilidade de toda comunidade para superar qualquer tipo de violência, de forma segura, valendo-se do posicionamento público e integral a favor da vítima e contra as ações do agressor, para evitar ou cessar a violência, sem exposição a maiores riscos (RACIONERO-PLAZA, 2018).

4. Considerações finais

A produção de trabalhos desenvolvidos pelo NIASE ao longo destes 20 anos acerca da prevenção da violência de gênero apresenta propostas pautadas em evidências científicas. São



produções sobre ações pautadas na Aprendizagem Dialógica⁷ (AUBERT *et al.*, 2016), no feminismo dialógico (PUIGVERT; MUÑOZ, 2012) e na socialização preventiva (FLECHA, 2012) como proposta para a prevenção e superação da violência como meio de transformação social.

A Aprendizagem Dialógica possui sete princípios pelos quais nos orientamos, sendo estes, resumidamente: 1) Diálogo Igualitário, que se baseia na validade dos argumentos e não na posição de poder de quem fala; 2) Inteligência Cultural, correspondente ao fato de que todas as pessoas têm condição de compreensão e argumentação sobre os assuntos que afetam a própria vida, sendo assim, não existe ignorantes culturais; 3) Transformação, ligada à superação das desigualdades sociais; 4) Dimensão Instrumental, responsável por promover com êxito a aprendizagem de conteúdos fundamentais para todos e todas; 5) Criação de Sentido, que refere-se ao reencanto das relações e das interações, estreitando a vivência na escola com a realidade das pessoas envolvidas; 6) Solidariedade, sentimento que fortalece as interações de luta contra a exclusão social; e 7) Igualdade de Diferenças, que assegura o mesmo direito a todas as pessoas de viver suas vidas da forma que quiserem, livres de violência (FLECHA, 1997; AUBERT *et al.*, 2016).

A igualdade de diferenças, um dos sete princípios, é discutida em interseccionalidade com o conceito da unidade na diversidade de Freire. A unidade na diversidade compreende que a luta política, a mobilização e a organização de forças culturais não pode desprezar o corte de classe, na intenção de ampliar a democracia liberal (FREIRE, 2020). Desta forma, a construção da identidade é algo que não acontece no espaço individual, mas nos diferentes espaços em que se constrói os sujeitos. O conceito de igualdade de diferenças prevê que todas as pessoas têm o mesmo direito de viver e ser de forma diferente, tratadas com o mesmo respeito e dignidade.

Por derradeiro, os grupos sociais citados pelos artigos analisados nesta pesquisa - mulheres cisgêneros e transexuais, crianças, adolescentes e homens - possuem o direito de viver suas vidas livres de violências. A maioria das produções investigadas trabalham em uma perspectiva paliativa da violência, que embora seja de extrema importância, é necessário também ações de prevenção à violência de gênero, evitando que ela ocorra, por meio da socialização preventiva desde a infância.

⁷ A definição de aprendizagem dialógica está fundamentada nas concepções teórico-metodológicas elaboradas por Ramón Flecha, juntamente com a *Community Of Researchers On Excellence For All* (CREA), da Universidade de Barcelona, na Espanha.



Neste sentido, o NIASE busca realizar pesquisas com base em evidências científicas que discutam ações realizadas na perspectiva de uma sociedade para a igualdade de diferenças, na intenção de superar exclusões sociais, econômicas e de gênero, por meio das atuações citadas em discussão com a literatura analisada.

5. Referências

ABBAFATI, C. *et al.* Global burden of 369 diseases and injuries in 204 countries and territories, 1990–2019: a systematic analysis for the Global Burden of Disease Study 2019. **LANCET**. V. 396 Ed. 10258 P. 1204-1222. 2020.

ALFAGEME, A. Morrer Por Ser Gay: O Mapa-múndi Da Homofobia. **El País**, 22 de março de 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/19/internacional/1553026147_774690.html. Acesso em: 8 dez. 2022.

AUBERT, A. *et al.* **Aprendizagem dialógica na sociedade da informação**. São Carlos: EdUFSCar, 2016.

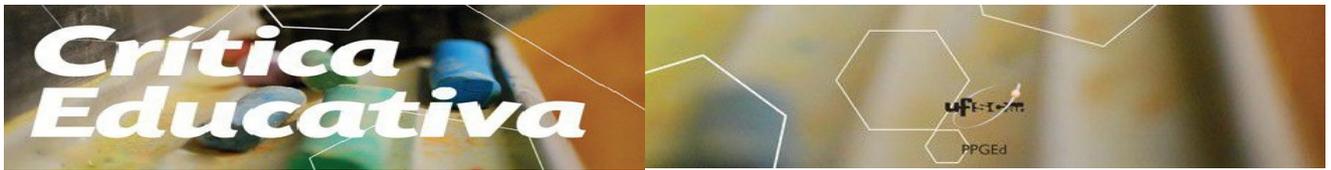
AUBERT, A.; FLECHA, R.. Health and well-being consequences for gender violence survivors from isolating gender violence. **International journal of environmental research and public health**, v. 18, n. 16, p. 8626, 2021. Disponível: <https://doi.org/10.3390/ijerph18168626>.

BEIRAS, A. NASCIMENTO, M.; INCROCCI, C.. Programas de atenção a homens autores de violência contra as mulheres: um panorama das intervenções no Brasil. **Saúde e Sociedade** [online]. 2019, v. 28, n. 1, pp. 262-274. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902019170995>

COÊLHO, B. M. *et al.* The role of gender in the structure of networks of childhood adversity, **Psychiatry Research**, V. 270, 2018, Pages 348-356, ISSN 0165-1781, Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2018.09.059>.

COLL, C. V. N. *et al.* Identifying the women most vulnerable to intimate partner violence: A decision tree analysis from 48 low and middle-income countries, **eClinicalMedicine**, V.42, 2021, 101214, ISSN 2589-5370. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.eclinm.2021.101214>.

CONEGUNDES, L. *et al.* Transition from nonuse to use of alcohol or binge drinking among adolescents: Secondary analysis of a randomized controlled trial, **Addictive Behaviors**, Volume 102, 2020, 106159, ISSN 0306-4603, <https://doi.org/10.1016/j.addbeh.2019.106159>.



DAHLBERG, L.L.; KRUG, E.G. Violence: a global public health problem. **World Report on Violence and Health**. Geneve: World Health Organization, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232006000200007>.

DOSIL, M; JAUREGUIZAR, J; BERNARAS, E; SBICIGO, J.B. Teen Dating Violence, Sexism, and Resilience: A Multivariate Analysis. **International Journal of Environmental Research and Public Health**. 2020; 17(8):2652. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/ijerph17082652>

FERREIRA, A. C. G. F. *et al.*. Transcendendo: A Cohort Study of HIV-Infected and Uninfected Transgender Women in Rio de Janeiro, Brazil. **Transgender Health**. Dec 2019.107-117. Disponível em: <http://doi-org.ez31.periodicos.capes.gov.br/10.1089/trgh.2018.0063>

FLECHA, Ainhoa. Educación y prevención de la violencia de género en menores. **Géneros**, v. 1, n. 2, p. 188-211, 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4471/generos.2012.09>.

Fórum Brasileiro de Segurança Pública. **Violência contra mulher em 2021**. 2021. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/03/violencia-contra-mulher-2021-v5.pdf>.
FREIRE, P. Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 30. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

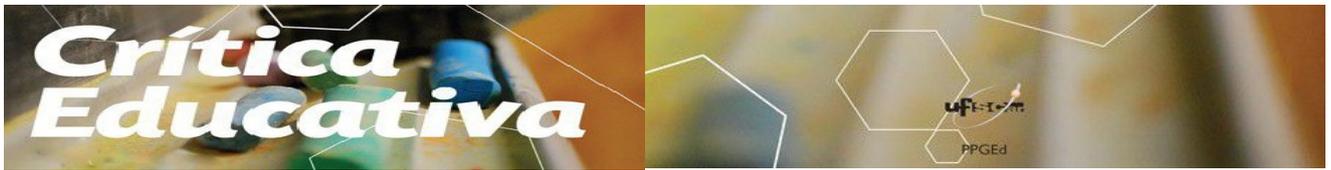
GALLARDO-NIETO, E. M. *et al.* Sexual orientation, gender identity and gender expression-based violence in Catalan universities: qualitative findings from university students and staff. **Archives of public health**, v. 79, n. 1, p. 1-13, 2021.

GARCÍA VILLANUEVA, C; LUJÁN PONCE, N.. Los “caminos torcidos” de la ciudadanía y la comunidad universitaria LGBTT. **Política e cultura**, n. 49, pág. 49-66, 2018.

GUSMÕES, J. D. S. P. *et al.* Violence in Brazilian schools: Analysis of the effect of the #Tamojunto prevention program for bullying and physical violence. **Journal of Adolescence**, 63: 107-117. 2018. Disponível em: <https://doi-org.ez31.periodicos.capes.gov.br/10.1016/j.adolescence.2017.12.003>

HABIGZANG, L. F.; SCHNEIDER, J. A.; FRIZZO, R. P.; FREITAS, C. P. P. de. Evaluación del impacto de una intervención cognitivo-conductual para mujeres en situación de violencia doméstica en Brasil. **Universitas Psychologica**, [S. l.], v. 17, n. 3, p. 1–11, 2018. DOI: 10.11144/Javeriana.upsy17-3.eicb. Disponível em: <https://revistas.javeriana.edu.co/index.php/revPsycho/article/view/15242>

HOCHDORN, A. *et al.* Narratives of Transgender People Detained in Prison: The Role Played by the Utterances “Not” (as a Feeling of Hetero- and Auto-rejection) and “Exist” (as a Feeling of Hetero- and Auto-acceptance) for the Construction of a Discursive Self. A Suggestion of Goals and Strategies for Psychological Counseling. **Frontiers in Psychology**. V. 8, 2018. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2017.02367>



Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Atlas da Violência 2021**. Daniel Cerqueira *et al.*, São Paulo: FBSP, 2021.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia científica**. Ed. 5. São Paulo: Atlas, 2003.
LONGAS, E.; RODRÍGUEZ, C. P. El club de valientes de la comunidad de aprendizaje CPI Sansomendi PI. *Padres y Maestros/Journal of Parents and Teachers*, n. 367, p. 38-41, 2016.
Disponível em: <https://doi.org/10.14422/pym.i367.y2016.007>. Acesso em: 18 nov. 2022

LOZANO, R *et al.* Measuring progress from 1990 to 2017 and projecting attainment to 2030 of the health-related Sustainable Development Goals for 195 countries and territories: a systematic analysis for the Global Burden of Disease Study 2017. **LANCET**. V. 392, Ed. 10159, P. 2091-2138. 2018.

MELLO, R.; BRAGA, F. M.; GABASSA, V. **Comunidades de Aprendizagem: outra escola é possível**. 2ª Edição. EdUFSCar, 2020.

MELLO, R. R. *et al.* Dialogic Feminist Gathering and the Prevention of Gender Violence in Girls With Intellectual Disabilities. **Front. Psychol.** 2021. 12:662241. Disponível em: doi: 10.3389/fpsyg.2021.662241

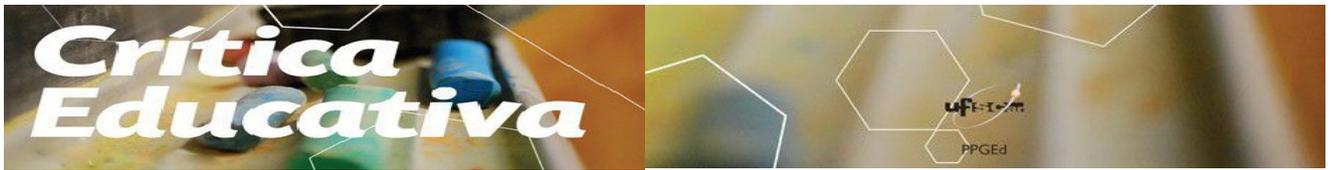
MIGUEL, A. Q. C. *et al.* Sociodemographic and clinical outcome differences among individuals seeking treatment for cocaine use disorders. **The intersection of gender and race, Journal of Substance Abuse Treatment**, Volume 106, 2019, Pages 65-72, ISSN 0740-5472, <https://doi.org/10.1016/j.jsat.2019.08.014>.

MONTEIRO, S; BRIGEIRO, M. Experiências de acesso de mulheres trans/travestis aos serviços de saúde: avanços, limites e tensões. **Cadernos de Saúde Pública** [online]. 2019, v. 35, n. 4. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0102-311X00111318>>

OENNING, N. S. X. *et al.* Occupational factors associated with major depressive disorder: A Brazilian population-based study, **Journal of Affective Disorders**, Volume 240, 2018, Pages 48-56, ISSN 0165-0327, Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.jad.2018.07.022>.

Organização Mundial da Saúde. **Relatório de status global sobre prevenção da violência 2014**. 2014. Organização Mundial da Saúde. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/145086>.

PAIVA, V. *et al.* Youth and the COVID-19 crisis: Lessons learned from a human rights-based prevention programme for youths in São Paulo, Brazil, **Global Public Health**, 16:8-9, 1454-1467, 2021. Disponível em: : 10.1080/17441692.2021.1916055



- PAIXÃO, G. P. N. *et al.* Naturalization, reciprocity and marks of marital violence: male defendants' perceptions. **RESEARCH - Rev. Bras. Enferm.** 71 (1). 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0475>
- PAULSON, K. R. *et al.* Global, regional, and national progress towards Sustainable Development Goal 3.2 for neonatal and child health: all-cause and cause-specific mortality findings from the Global Burden of Disease Study 2019. **LANCET.** V. 398, Ed. 10303, P. 870-905. 2021
- PEIXOTO, E. M. *et al.* Interpersonal Violence and Passing: Results from a Brazilian Trans-specific Cross-sectional Study. **Journal of Interpersonal Violence**, 37(15–16), 2021. NP14397–NP14410. Disponível em: <https://doi-org.ez31.periodicos.capes.gov.br/10.1177/08862605211005152>
- PERASSOLI, E.; SILVA, A. R. N. da. **Saindo da “torre de marfim”: a prevenção de violência contra a população LGBTQIAPN+ na universidade.** SciELO Preprints, 2022. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/4430>.
- PUIGVERT, L.; MUÑOZ, B. Estudios de género. Barreras y aportaciones al debate teórico internacional desde las voces de las otras mujeres. **Multidisciplinary Journal of Gender Studies**, v. 1, n. 1, p. 4-27, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.4471/generos.2012.01>.
- PUIGVERT, L.; RUIZ, L.. Teoria feminista do Século XXI: as vozes das outras mulheres. **Revista Forum**, Universidade do Minho, n. 33, p. 45-58, 2003. Disponível em: <http://hdl.handle.net/2445/164928>.
- PUIGVERT, L. *et al.* Girls' perceptions of boys with violent attitudes and behaviours, and of sexual attraction. **Palgrave Communications**, v. 5, n. 1, p. 1-12. 2019. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41599-019-0262-5>.
- RACIONERO-PLAZA, S.. Relaciones humanas de calidad como contexto de salud y libertad. **Revista de Fomento Social**, p. 43-63, 2018. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6220963>.
- SESC. Departamento Nacional. **Você não está sozinha:** guia para entender a violência de gênero / Sesc, Departamento Nacional, Fundação de População das Nações Unidas. Rio de Janeiro : Sesc, Departamento Nacional, 2021. 34 p.
- SOMMER, M. *et al.* Participatory Methodologies With Adolescents: A Research Approach Used to Explore Structural Factors Affecting Alcohol Use and Related Unsafe Sex in Tanzania. **J Prim Prev.** 2021 Aug;42(4):363-384. Disponível em: Participatory methodologies with adolescents: A research approach used to explore structural factors affecting alcohol use and related unsafe sex in Tanzania - PMC (nih.gov)



WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Violence against women**. 2022. Disponível em: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/violence-against-women>.